

Márcia Moreira de Araújo
Carlos Jordan Lapa Alves
(Organizadores)

EDUCAÇÃO: MINORIAS, PRÁTICAS E INCLUSÃO



Atena
Editora

Ano 2021

Márcia Moreira de Araújo
Carlos Jordan Lapa Alves
(Organizadores)

EDUCAÇÃO: MINORIAS, PRÁTICAS E INCLUSÃO



Atena
Editora
Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Gírlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfnas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Fernando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federacl do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Educação: minorias, práticas e inclusão

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadores: Marcia Moreira de Araújo
Carlos Jordan Lapa Alves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 Educação: minorias, práticas e inclusão / Organizadores
Marcia Moreira de Araújo, Carlos Jordan Lapa Alves. –
Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5983-040-4
DOI 10.22533/at.ed.404211405

1. Educação. I. Araújo, Marcia Moreira de
(Organizadora). II. Alves, Carlos Jordan Lapa (Organizador).
III. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Neste momento contemporâneo e avassalador, que minimiza nossa potência de agir, esse livro é um “respirar leve”, e traz consigo outras possibilidades de pensar, fazer e viver a educação neste contexto que inclui e reverbera liberdades e multiplicidades do agir democrático, fora dos padrões colonizados em nossas mentes por séculos.

Inspirados em nossos estudos, temos a urgência em entender como que uma sociedade inteira não se reduz a vigilância e propõe micro-liberdades individuais e coletivas. Junto a Certeau(1994) , problematizamos neste espaço: “que procedimentos populares (também minúsculos e cotidianos) jogam com os mecanismos da disciplina e não ser para alterá-los? Que táticas e artes de fazer engendram nas tramas da vida que formam uma contrapartida, do lado dos consumidores (ou “dominados”), dos processos silenciados que organizam as micropolíticas e formam as subjetividades diversas?

Eis, portanto, nossa grande missão neste livro: propiciar momentos, debates, críticas e litigar com poderes que permeiam o campo educacional tornando-o tradicional, excludente e retrogrado. A educação do presente não pode e não deve ser desconectada da realidade social, da diversidade étnica, de gênero, religiosa e de crença que a sociedade vive. Talvez, essa seja a hora de derrubar os muros que ergueram em volta das escolas para que este lugar seja de todos e todas.

Pensar raça, gênero, sexualidade, exclusão, inclusão, feminismo, machismo e interseccionalidade no contexto escolar é obrigação de educadores e educadoras neste momento histórico no qual as bases democráticas estão constante tensão. Não cabe a escola e aos professores o papel de agente passivo, mas ações veementes e fortes a favor da luta pela igualdade, equidade e qualidade educacional para todas as crianças de todas as crenças.

Em um país onde as Casas de Leis perdem tempo propondo projetos para inibir e coibir o fazer docente, por exemplo, projeto de Lei 4893/20 que busca criminalizar professores que debatem assuntos ligados a gênero e sexualidade, a balança do poder deve agir criando reações de contrapoder: ao silêncio o barulho, a ordem a desordem, a punição a revolta. Nunca cabe a um docente o papel de submissão, mas ação, a criticidade.

Esperamos que o leitor, ou a leitora, faça produções fecundas e inventivas a partir desta proposição de textos que apresentam uma subversão no espaço educativo nos múltiplos modos de aprendizagens. Desejamos que as apostas sejam a captura do que escapa dos modos imperativos de educação, e que as possibilidades de invenção e criação reverberem na prática docente por uma educação mais condizente com o que a humanidade vem liberando como demandas sociais.

Desejamos uma excelente aventura literária e formativa!

Márcia Moreira de Araújo
Carlos Jordan Lapa Alves

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

MULHERES QUILOMBOLAS DE BARRINHA- SFI- RJ: NA LUTA E (RE)EXISTÊNCIA POR SUA LEGITIMAÇÃO COMO CATADORAS DE OSTRAS

Márcia Moreira de Araújo

Leandro Garcia Pinho

DOI 10.22533/at.ed.4042114051

CAPÍTULO 2..... 19

INCLUSÃO UNIVERSITÁRIA NA UFPB: UM ESTUDO DOCUMENTAL SOBRE AS AÇÕES DO COMITÊ DE INCLUSÃO E ACESSIBILIDADE

Ana Cristina Silva Daxenberger

Maria Sônia Lopes da Silva

Nielson Firmino de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.4042114052

CAPÍTULO 3..... 33

IMAGENS E SINAIS: UMA PROPOSTA DE ENSINO COLABORATIVO PARA SE COMPREENDER A OBRA *OS SERTÕES* NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS)

Márcio Araújo de Almeida

Matheus Anacleto da Silva

Paulo Augusto Tamanini

DOI 10.22533/at.ed.4042114053

CAPÍTULO 4..... 50

JOGOS DIDÁTICOS: *HOJE É ... DIA DE BRINCAR !!!*

Leonice Elci Rehfeld Nuglisch

Lucia Oliveira de Andrade

DOI 10.22533/at.ed.4042114054

CAPÍTULO 5..... 57

O ALUNO COM DEFICIÊNCIA VISUAL EM ESPAÇO *FITNESS*: O ACOLHIMENTO DA PRESENÇA

Robenilson Nascimento dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.4042114055

CAPÍTULO 6..... 73

O DESAFIO DA AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Elida Carolina Almeida Roque

Felippe Wanderley da Costa

Fernanda Gonçalves da Silva

Lohane Miranda da Silva

Lohrena Teixeira Cardoso de Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.4042114056

CAPÍTULO 7	82
O DESENVOLVIMENTO DA LEITURA E DA ESCRITA ATRAVÉS DE ATIVIDADES DESAFIADORAS EM UM ALUNO COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM	
João Marcos Cristiano Tomaz Edêlma Targino	
DOI 10.22533/at.ed.4042114057	
CAPÍTULO 8	96
O PAPEL DO AFETO NO DESENVOLVIMENTO DO AUTISTA	
Maria Paula Rodrigues de Macedo	
DOI 10.22533/at.ed.4042114058	
CAPÍTULO 9	107
O ENSINO DE MATEMÁTICA ATRAVÉS DO SOROBAN: UM RECURSO CONCRETO QUE PODE SER UTILIZADO POR TODOS	
Raffaela de Menezes Lupetina Margareth Oliveira Olegário	
DOI 10.22533/at.ed.4042114059	
CAPÍTULO 10	117
O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DO ALUNO COM TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO	
Sabrina dos Santos Silva de Almeida Rágina Candido da Silva Costalonga Isabel Cristina Polonine Leonardo Barreto da Costa Cristiano de Assis Silva	
DOI 10.22533/at.ed.40421140510	
CAPÍTULO 11	130
OS DIREITOS DOS ALUNOS COM DEFICIÊNCIA: UMA REVISÃO DE LITERATURA	
Luciene Cristina de Assis Elivania Cristina de Assis Ananias	
DOI 10.22533/at.ed.40421140511	
CAPÍTULO 12	138
O USO DE TDIC NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA APRENDIZAGEM DO ALUNO SURDO NO ENSINO SUPERIOR	
Suellen Teixeira Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.40421140512	
CAPÍTULO 13	149
OS PROBLEMAS RELACIONADOS A EVASÃO ESCOLAR NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	
Leylyane da Conceição Gomes Ferreira Katia de Souza Merence Vanda das Neves Gomes	

Rayane Batista de Moraes
Graciema da Cruz Silva
DOI 10.22533/at.ed.40421140513

CAPÍTULO 14..... 161

PAIS SURDOS – ESCOLA OUVINTE: UMA RELAÇÃO POSSÍVEL

Giseli de Oliveira Fonseca
Edmar Reis Thiengo

DOI 10.22533/at.ed.40421140514

CAPÍTULO 15..... 181

POETIZAR A CEGUEIRA: O FILME *VERMELHO COMO O CÉU* E A EDUCAÇÃO COM O SONORO

Glauber Resende Domingues

DOI 10.22533/at.ed.40421140515

CAPÍTULO 16..... 192

PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO POR MEIO DE JOGOS PEDAGÓGICOS COM ALUNO COM PARALISIA CEREBRAL DIPARÉTICA: ESTUDO DE CASO

Marciana dos Santos Silva Ventura
Katia Gonçalves Castor

DOI 10.22533/at.ed.40421140516

CAPÍTULO 17..... 204

RETRATOS, VIVÊNCIAS E APRENDIZAGENS

João Paulo Apolari
Ana Paula Ferreira de Melo Morgado
Thaís Casemiro Flores
Marta de Fátima Silva Forsan
Ivanete de Oliveira Dorta

DOI 10.22533/at.ed.40421140517

CAPÍTULO 18..... 213

O SERVIÇO SOCIAL DESENVOLVIDO NA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DOS EXCEPCIONAIS (APAE)

Alexsandra do Socorro Farias Fernandes
Kleber Vinicius G. Feio
Dayane Cereja Ferreira da Silva
Ivana Lia Rodrigues de Carvalho
Raimunda da Silva Santana
Marlene Ribeiro Reis
Mariana do Ó Teixeira Santos
Beatriz Ribeiro Reis

DOI 10.22533/at.ed.40421140518

CAPÍTULO 19..... 226

REFLEXÕES ACERCA DA MOBILIDADE URBANA: DESAFIOS DE ACESSIBILIDADE

Andreia da Silva Neto

Sheila Venancia da Silva Vieira
DOI 10.22533/at.ed.40421140519

CAPÍTULO 20.....234

SOCIEDADE E DIREITO: MANUTENÇÃO DE PAPÉIS SOCIAIS E A IMPORTÂNCIA DA PROMOÇÃO DA MULHER

Júlio César Pinheiro do Nascimento
Samuel Henrique

DOI 10.22533/at.ed.40421140520

CAPÍTULO 21.....242

TRAJETÓRIA DE VIDA, AUTOETNOGRAFIA E GÊNERO: RESSIGNIFICAÇÃO DA EXISTÊNCIA A PARTIR DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM TURISMO

Aparecida de Fátima Pereira Balbina
Márcia Maria de Medeiros

DOI 10.22533/at.ed.40421140521

CAPÍTULO 22.....253

UMA COMPREENSÃO ACERCA DO PAPEL DOS INTÉRPRETES DE LIBRAS À COMUNIDADE SURDA: PERSPECTIVAS TEÓRICO-REFLEXIVAS

Luan Tarlau Balieiro

DOI 10.22533/at.ed.40421140522

CAPÍTULO 23.....260

VIOLÊNCIA A PESSOAS NA ESCOLA

Maria Vera Lúcia da Rocha Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.40421140523

CAPÍTULO 24.....273

VALORIZANDO A DIVERSIDADE CULTURAL: OFICINA DE ABAYOMIS

Pâmela Camile Silva Benevenuto Rodrigues
Milena Moreira de Oliveira
Aparecida Fátima Camila Reis

DOI 10.22533/at.ed.40421140524

CAPÍTULO 25.....279

STARTUP EDUKANET: UMA PROPOSTA DE SISTEMA EDUCACIONAL E TECNOLÓGICO PARA SURDOS

Nathalia da Silva Castro
Giseli de Oliveira Fonseca
Anilton Salles Garcia

DOI 10.22533/at.ed.40421140525

CAPÍTULO 26.....290

CURRÍCULO E CULTURA SURDA: A EDUCAÇÃO BICULTURAL EM QUESTÃO

Cauê Jucá Ferreira Marques
Marilene Calderaro Munguba

DOI 10.22533/at.ed.40421140526

CAPÍTULO 27.....	297
EDUCAR NO CÁRCERE: FUNDAMENTOS LEGAIS DA EDUCAÇÃO EM PRISÕES	
Luana Soares Pereira	
Marilde Chaves dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.40421140527	
SOBRE OS ORGANIZADORES	308
ÍNDICE REMISSIVO.....	309

POETIZAR A CEGUEIRA: O FILME *VERMELHO COMO O CÉU* E A EDUCAÇÃO COM O SONORO

Data de aceite: 03/05/2021

Data de submissão: 26/03/2021

Glauber Resende Domingues

Universidade Federal do Rio de Janeiro
(UFRJ), Colégio de Aplicação
Rio de Janeiro – RJ
<http://lattes.cnpq.br/9408325715410458>

RESUMO: Este texto discute as possibilidades para pensar a educação de cegos, tendo como mote uma possível poética da cegueira a partir da relação com o sonoro. Trago para a conversa o filme italiano *Vermelho como o céu*, do diretor Cristiano Bortoni. Neste filme, Mirco, um menino de 10 anos, sofre um acidente e perde a visão de maneira irreversível. Mirco redescobre o mundo a partir dos sons que o rodeiam. Em conversa com o filme, trabalho com perspectivas teóricas que problematizam a cegueira e a diferença: Nunes & Lomonaco (2010). discutem a centralidade da visão na relação com o conhecimento; Moreira (2008) para problematizar a escola como um espaço de controle e homogeneização de culturas e de modos de ser e estar no mundo e onde os discursos vigentes reproduzem estes modos de ser (FOUCAULT, 2012). Também trago contribuições de Monte Alegre (2003), que reflete sobre uma visão do pensamento. Desta forma, penso que uma poética da cegueira passaria por uma visão do mundo que o atravessasse com outros sentidos, principalmente da escuta, fazendo da cegueira não uma catástrofe,

mas uma maneira de olhar o mundo com o pensamento (MONTE ALEGRE, 2003), com a audição e com outros sentidos. Penso que a problemática da poética da cegueira encontra neste seminário um espaço apropriado para discutir a questão da cegueira como espaço da possibilidade de outro(s) modo(s) de pessoas cegas serem ou estarem neste mundo pelo fato de nele se encontrarem pessoas que pensam, sentem e agem na diferença.

PALAVRAS-CHAVE: Diferença; cegueira; possibilidades educacionais do cego; poética da cegueira; sonoridade.

ABSTRACT: This text discusses the possibilities for thinking about the education of the blind, having as a motto a possible poetics of blindness based on the relationship with the sonorous. I bring to the conversation the Italian film *Red as the sky*, by director Cristiano Bortoni. In this film, Mirco, a 10-year-old boy, suffers an accident and irreversibly loses his sight. Mirco rediscovers the world from the sounds that surround him. In conversation with the film, I work with theoretical perspectives that problematize blindness and difference: Nunes & Lomonaco (2010). discuss the centrality of vision in relation to knowledge; Moreira (2008) to problematize the school as a space for the control and homogenization of cultures and ways of being and being in the world and where the current discourses reproduce these ways of being (FOUCAULT, 2012). I also bring contributions from Monte Alegre (2003), who reflects on a vision of thought. In this way, I think that a poetics of blindness would pass through a vision of the world that would cross it

with other senses, especially listening, making blindness not a catastrophe, but a way of looking at the world with thought (MONTE ALEGRE, 2003), with hearing and other senses. I think that the problem of the poetics of blindness finds in this seminar an appropriate space to discuss the question of blindness as a space for the possibility of other (s) way (s) of blind people to be or be in this world due to the fact that they find people who think , feel and act in the difference.

KEYWORDS: Difference, blindness, educational possibilities of the blind, poetics of blindness.

INTRODUÇÃO

Mirco era um menino que atendia à uma certa lógica de normalidade que vivia as peripécias de ter dez anos de idade. Fazia isto brincando com seus colegas de mesma idade, aproximadamente. Uma de suas diversões preferidas era ir ao cinema com o seu pai. Evidenciamos isto logo no início do filme, em duas cenas. Na primeira, vemos Mirco acompanhar seu pai a uma espécie de banca de jornal, onde ele foi devolver os jornais que não foram vendidos (provavelmente era jornaleiro ou algo assim). Ele questiona o pai sobre o porquê de as pessoas comprarem jornal para lerem em casa, se elas poderiam ler na banca. Seu pai responde que é para as pessoas lerem em casa, na comodidade de seus sofás, por exemplo. O menino argumenta que o pai deveria comprar uma televisão, pois para ele, a televisão teria o mesmo efeito do jornal: ele poderia assistir os filmes em casa e não precisaria ir ao cinema. Em sua fala: “- Você leva o cinema para casa e assiste quando quer.” Na segunda cena onde tal aproximação com o cinema é percebida, o menino, seu pai e sua mãe estão na cozinha, quando Mirco cobra de seu pai uma ida ao cinema que ele o havia prometido e havia esquecido. A cena posterior mostra pai e filho sentados, juntos, na primeira fila do cinema, vendo um filme de faroeste. Os olhos do menino quase não piscavam e os seus lábios esboçavam um sorriso admirado pelo que via, por conta do envolvimento com o que se passava diante de seus olhos.

A possibilidade de ver os filmes, de ver o mundo e de brincar com este mundo se viu impedida quando, ao manusear um rifle de seu pai, a arma dispara e os estilhaços da louca que o disparo atingiu ferem gravemente os olhos do menino. O médico que o atendeu, comunica ao pai que Mirco não poderia voltar à escola “normal”. Era necessário que o menino fosse para uma escola especial para cegos, pois na Itália, onde a história é contada, na década de 1970, as leis eram rígidas quanto a isto. É a partir de então que começa narrativa daquele que viria a ser um dos maiores editores de som da história do cinema contemporâneo: Mirco Barelli, no Instituto Cassoni para Educação de Cegos.

Este texto pretende apresentar, sob quatro perspectivas, fios para se conceber uma possível poética da cegueira, a partir de quatro fragmentos do filme Vermelho como o céu. Os dois primeiros apresentam uma pequena mostra de como o cego pode ser fadado à segregação e como a cegueira é encarada como uma condição aprisionadora. Mesmo assim, podemos observar algo de poético nesse ambiente pessimista. Os dois últimos

fragmentos mostram como pode ser possível transformar o que - ou quem - estaria fadado a ficar na segregação ou na invisibilidade em poesia, ou seja, pensar uma poética da cegueira.

A SENTENÇA

Logo após sofrer o acidente que mudaria a sua vida, Mirco é levado ao médico para avaliação dos transtornos que o acidente trouxe a ele. A partir do diálogo travado entre o médico, sua assistente e o pai de Mirco podemos observar o rumo que tomaria a vida do menino. O médico ensaia e titubeia para dizer ao pai que o menino não poderia mais voltar à escola. O pai replica, dizendo que o filho não tem nenhuma doença infecciosa e que foi apenas um acidente. O médico o faz saber que seu filho agora só enxerga sombras. O Sr. Barelli acredita que o filho poderá, após o tratamento, voltar para a escola normalmente, mesmo tendo perdido um pouco do tempo escolar. A assistente insiste, lembrando que as leis são rígidas quanto à presença de cegos na escola regular. O pai recebe a triste notícia de que Mirco precisará ir para uma escola “apropriada”, onde o menino conheça, conviva e aprenda com crianças como ele. O pai, com o lado da paternidade falando mais alto comenta que Mirco tem apenas dez anos de idade e que precisa dele e da mãe. Os médicos insistem: “É a lei, não depende de nós!”.

Acredito que, com o intuito de deixar a escola “limpa”, isenta de qualquer elemento humano que fugisse à regra, a lei italiana era implacável quanto a limpeza do espaço escolar de qualquer anormalidade que pudesse deixar a escola diferente do preconcebido. Mirco estava agora fora dos padrões. Era o diferente, o deslocado, o estranho. Tomando uma argumentação baumaniana, Moreira (2008) vai refletir sobre a metáfora do estranho”. O autor considera que na sociedade moderna o que sempre se intentou foi que cada coisa na sociedade tivesse seu lugar, buscando criar harmonia dentro do espectro social que os sujeitos vivem e se relacionam. As pessoas ocupam papéis sociais na família, na escola, na igreja. Esses papéis so frutos de acordos mais ou menos estabelecidos previamente. Essas ordens que as coisas e as pessoas possuem situam-nas em determinadas categorias e elas se encaixam mais pelo lugar que ocupam do que pelo que elas do ou pensam. Na argumentação de Moreira (2008):

As coisas são sujas ou puras, então, mais em decorrência do lugar que ocupam em uma ordem de coisas (formulada pelos que procuram definitivamente garantir a pureza), que por características internas. O fator determinante, em síntese, a localização no espaço social, é a situação mais ou menos adequada é a maior ou menor conformidade com regras e normas estabelecidas empregadas para apartar indivíduos coisas (p. 94)

O mecanismo do discurso é do que a escola se utiliza para poder legitimar seus ideais de justiça, mas que na verdade ditam modos de ser (FOUCAULT, 2012). A legitimação desses modos de ser e de estar no mundo na maioria das vezes não percebida pelos sujeitos

alunos. A intenção da escola acaba sendo formar indivíduos “encaixotados”, uniformes. Nas palavras do filósofo francês Michel Foucault (2012), “todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar apropriação dos discursos com os saberes e os poderes que eles trazem consigo” (p. 41).

Desta forma, parece ficar claro que o que se queria no filme-se que no cotidiano escolar - era criar uma escola justa com todos que para isso igualdade entre os pares. Mas a questão de igualdade é muito questionada. Para Mantoan (2006), uma escola justa pode se timar me pressuposto de que todos os seres humanos são iguais porque nasceram iguais. Segundo a autora, há que se relativizar esse conceito de igualdade: “igualdade entre quem? Igualdade em quê? A extensão desse valor precisa ser considerada para não entendermos que todos os seres humanos sejam iguais em tudo” (p. 56). Concordando com a autora, penso que o radicalismo na rotulação acerca da igualdade precisa ser concebido levando em conta as nuances dos sujeitos. Mesmo as pessoas consideradas normais têm peculiaridades que as tornam únicas e, por isso, também diferentes. Quando se trata de alguma diferença física, tende-se a achar que a pessoa fica incapaz de solucionar problemas, de se relacionar com as pessoas, de estudar, enfim, de viver.

Com Mirco não foi diferente. O menino foi estigmatizado por ter ficado cego, como se isto invalidasse todas as experiências que tivera antes de adquirir a cegueira. A escola italiana tinha lugar para a criança “sadia”, com todos os sentidos, perfeita dentro da lógica do estereótipo criado. A escola italiana - e porque não dizer a nossa também - criou/cria modos de ser que eram/são unívocos e intransigentes. O parecer do médico rotulou o menino não mais pelo que ele tinha sido e pelo que podia fazer com tudo o que aprendera antes, ao invés disso, gerou uma sentença que o “localizaria” socialmente num lugar de marginalidade.

Porém, acredito que o que há de mais poético na cena tem a ver com a resposta dada pelo pai ao médico: “- Mas Mirco tem só dez anos! Precisa de mim e da mãe!”. Com esta fala, o Sr. Barelli demonstra que Mirco a partir de então e mais do que nunca precisará receber cuidados que nunca precisou antes. Cuidado. Esta é a primeira palavra que traz um tom de poesia à condição da cegueira.

A poética da cena não é só do texto que ele fala, mas da forma como o ator encarna a personagem e dá a vida necessária para falar de um assunto que mudaria a vida de toda a família. O médico, ao dar o veredito, pensou só na funcionalidade do diagnóstico. O pai, em contrapartida, pensou na individualidade do filho, lembrou-se da criança que o menino era e do que podia continuar sendo se estivesse sob seus cuidados e de sua esposa. A família de Mirco demonstrava ser uma família que cultivava os momentos que todos estavam juntos, nas cenas que se antecederam a esta. Rompendo a convivência, o cuidado que até então era dado ao menino seria interrompido, justamente no momento onde ele se tornara mais necessário. A cena já citada da família na cozinha demonstra isto. Acredito que era poética a relação do Sr. Barelli com Mirco. Era uma relação onde o mais velho apresentava

o mundo e suas coisas para o filho, sempre que questionado por ele sobre algo. Ao que parece, o pai não queria perder esta relação com o filho. Porém, o inevitável aconteceu: Mirco foi “condenado” a ir para uma escola especializada.

A CONDENAÇÃO

Após o diagnóstico do médico, Mirco chega ao Instituto Cassoni juntamente com sua família. Ao que parece, o caso de Mirco foi um caso de cegueira adventícia ou adquirida (NUNES & LOCÔMANO, 2010). Este é o nome dado à cegueira que acomete a pessoa depois dos cinco anos de idade. No caso dele, tinha dez anos. A cegueira anterior aos cinco é chamada de cegueira congênita. Parece estranho chamar assim a cegueira da pessoa que a tenha adquirido como menos de cinco anos. Mas os autores explicam:

a delimitação da idade de cinco anos para o diagnóstico de cegueira adquirida é fruto de pesquisas que não identificaram memória visual em cegos que perderam a visão antes dessa idade” (NUNES & LOCOMANO, 2010, p. 56)

Com o diagnóstico, o menino ficou fadado a viver no mundo com sua cegueira adquirida, o que acabou fazendo-o levar consigo outras condições que o impediam de viver normalmente em sociedade. Como se faz em toda chegada de um aluno novo à escola, os pais do menino conversaram com o diretor do instituto, também cego, assim como Mirco se tornara. Ela fora condenado a viver no Instituto, que era um colégio interno, para que pudesse continuar seus estudos, haja vista que a escola regular não poderia acolhê-lo.

No começo da cena, o diretor fala da importância de os pais terem escolhido aquela escola, pois segundo ele, fizeram uma escolha justa. O diretor segue com sua fala: “- Ele aprenderá uma profissão adequada à sua capacidade”. A fala proferida pelo diretor do instituto parece demonstrar uma tendência muito comum quando se trata da educação de pessoas com necessidades especiais de educação. Para o senso comum – e até para pessoas mais esclarecidas - o cego não é capaz de viver uma vida normal, de exercer profissões quaisquer que sejam. Habitualmente tende-se a pensar que o cego só pode fazer determinadas coisas.

Segundo Nunes & Locômano (2010), existe um ideal para a educação de cegos, com características próprias, com uma muito peculiar. Segundo os autores,

A educação do deficiente visual é marcada pela relação intrínseca com o atendimento especializado, capaz de suprir as necessidades especiais advindas da falta de visão e assegurar o ensino formal deste aluno. (NUNES & LOCOMANO, 2010, p. 60).

Isto não parece ser o que acontece no filme, pois, ao invés de Mirco continuar na escola regular e receber esse atendimento especializado de que falam os autores, ele vai, compulsoriamente, para uma escola especializada em educação de cegos. A concepção que o filme aproxima-se com uma das concepções de cegueira que existiram no decorrer

da história que foram distinguidas pelo mestre russo Lev Semenovitch Vigotski, como apontam Nunes & Locômono (2010). A primeira concepção apontada por ele compreende deste a Antiguidade até a Idade Média. Este período ficou conhecido como período místico, pois nele “ou o cego era considerado alguém indefeso, infeliz que vivia em desgraça, ou era tratado com respeito pelos poderes místicos que se acreditava ter.» (NUNES & LOCOMANO, 2010, p. 59). A segunda concepção percebida por ele é a que começou a ter vigência durante o Iluminismo, no século XVIII, e que ficou conhecida como período biológico ou ingênuo. Durante o Iluminismo, a ciência e a medicina começaram a se desenvolver e se interessar pela questão da cegueira, dando-lhe uma importância jamais dada antes. Nesse período começava-se a pesquisar como funcionava a cegueira, como se proceder com ela e quais as possibilidades educacionais para os cegos. Assim como os centros de educação em massa começaram a serem difundidos em toda a Europa, “inicia-se o movimento de educação dos cegos por meio da criação de institutos e escolas específicos para eles.” (p. 59). O período científico ou sociopsicológico, terceira concepção observada,

é marcado pela percepção do cego como capaz de se reorganizar para compensar a deficiência visual. Essa compensação não se limita ao desenvolvimento dos outros órgãos dos sentidos, mas à reorganização da vida psíquica por inteiro, a fim de compensar o conflito social advindo da deficiência do órgão. (p. 59)

A situação da cegueira na Itália na década de 1970 evidencia pelo filme que a concepção vigente era a da Idade Média, ou seja, a de segregar os cegos numa instituição “própria” para eles, com uma educação diferenciada, sem perspectiva de interação com as outras pessoas da sociedade.

A frase do diretor é seguida por uma resposta contrária do pai do menino. Logo após o diretor falar da escolha certa e da capacidade de Mirco, o pai lhe responde: “- O importante agora é que ele possa terminar o primário. O que ele vai querer fazer, para isso ainda há tempo”. Em minha livre leitura da fala, penso que o pai mais uma vez nos deu elementos para pensar uma poética da cegueira. Penso que ao falar que ainda há tempo”, o Sr. Barelli parece estar convencido de que há um fator importante na educação, de modo geral, e na educação de Mirco a partir de então: o tempo. O tempo na educação é algo que parece ter sido relegado ao esquecimento. Há uma busca incessante por um imediatismo nas práticas pedagógicas, por metodologias e atividades que dirimam o tempo na relação do aluno com a aquisição do conhecimento. O menino a partir de então se relacionaria com o mundo por outros canais, necessitando de um tempo diferente do que até então lhe era disponibilizado. A cena mostra o pai, respeitando o tempo do filho, suas possibilidades e ainda mais, sua capacidade de querer, de escolher as coisas. É só o tempo que lapida as escolhas da criança, que aprimora e extrapola suas possibilidades de aprender as coisas do mundo. A poética da cegueira está atravessada também pela dimensão do tempo, representada neste trecho pela figura do pai do menino.

NA CONDENAÇÃO, UM EDUCADOR SENSÍVEL

A primeira cena de sala de aula no filme mostra Mirco sendo apresentado a Don Giulio, professor de sua futura classe, e aos seus colegas. Feitas as devidas apresentações, o professor continuou a sua aula, cujo conteúdo era as mudanças que ocorrem nas estações do ano. Ele solta uma gravação com a explicação dos conteúdos e pede aos alunos para escrever a gravação em braile, o que sugere que a gravação seria a substituição da lousa e a folha e o furador os substitutos do caderno. A primeira vista o professor demonstra ser o que chama Rancière (2010) de um mestre embrutecedor, que é aquele que confirma uma incapacidade do aluno, partindo da desigualdade de conhecimentos entre ambos, rumo a uma igualdade. Nesta perspectiva, parece ficar evidente que a concepção do professor é a de que se parte do que o aluno não sabe, o que o desiguala do mestre, para o que virá a saber, provocando, ao final, uma provisória situação de igualdade. Ao perceber que Mirco não escreve, o professor tenta ajuda-lo, ensinando-o como escrever o braile. O menino lança no chão a prancheta com a folha e o furador. Don Giulio pega e coloca no lugar novamente, sem repreender Mirco. Acredito que o professor não o fez por compreender a mudança que o menino estava começando a enfrentar.

Prosseguindo com a aula, ele comenta com a classe que havia deixado galhos, castanhas e frutas secas de pinheiro nas carteiras dos alunos. Ele pede para que os alunos toquem nelas e sintam como elas são. Os alunos amassam as folhas de pinha, cheiram as castanhas de pinha, aproximam do rosto para tentar ver mais de perto (aqueles que tem baixa visão). Com este cenário, podemos já perceber que o professor se aproxima do outro tipo de professor de que fala Rancière (2010); o mestre emancipador. Este mestre, na visão do autor, é aquele que parte da igualdade entre a capacidade de inteligência entre os alunos. Nesta perspectiva, todas as pessoas tem igual inteligência, tem igual capacidade de perceber e compreender as coisas por associações ou por meios próprios. No caso da classe, mais ainda, todos tinham possibilidade de aprender pelos mesmos meios: tocando, apertando, cheirando. Aproveitando a situação, o professor pediu aos alunos que façam um trabalho sobre as estações do ano, pedindo para que eles descrevessem o que acontecia na mudança de uma estação para a outra.

Ao perceber que Mirco não participava da atividade, Don Giulio perguntou a ele o porque de ele não estar interessado como seus colegas. Ele responde: “- Não preciso. Eu enxergo”. A fala do menino pareceu denotar duas coisas: a primeira é que ele podia realmente ter razão, pois a sua perda não foi total. A perda era irreversível, mas um pouco de visão o menino tinha. A segunda é que ele poderia estar evidenciando um estado psicológico de não aceitação do estado de cegueira.

Don Giulio poderia ter sido grosseiro e nada sensível com ele. As palavras que se sucederam como resposta a Mirco foram: “- Eu também enxergo, mas não é o suficiente. Quando vê uma flor, não quer cheirá-la? Ou quando neva, não quer andar sobre a neve

branca? Tocá-la, senti-la derreter nas mãos. Vou lhe contar um segredo. Algo que notei vendo os músicos tocarem... Eles fecham os olhos. Sabe por quê? Para sentir a música mais intensamente. Pois a música se transforma, se torna maior, as notas ficam mais intensas. Como se a música fosse uma sensação física. Você tem cinco sentidos, Mirco. Por que usar só um deles?” Mirco fica encabulado.

Penso que outro elemento de grande propulsão poética que a cegueira traz é a possibilidade de ampliar a contemporização. Sinônimo da palavra transigência, contemporização é o mesmo que acomodação à circunstâncias. Circunstâncias estas apontadas por Don Giulio a Mirco. O professor dá uma lição ao menino no que diz respeito a lidar com o mundo de outras maneiras. Usando de belas imagens, que são imagens comuns, que fazemos no cotidiano, ele fala a Mirco para que não se contente com a sua visão”. Há um incentivo por parte do professor em fazer com que o aluno possa perceber o mundo de outras maneiras. Parece ficar claro que ele quer evitar que Mirco não se comporte como um ser humano faltante. Se o professor deixasse o menino depender única e exclusivamente de sua baixa visão, ele sofreria mais por conta de suas relações sociais. Nos alertam Nunes & Locômano:

Esta concepção do cego como ser faltante dificulta muito as relações sociais da pessoa cega, principalmente pelo desconhecimento de sua real condição, o que pode causar um impacto afetivo negativo, uma vez que o imaginário social está enviesado por estereótipos de limitação e sofrimento na vida do cego. (p. 62)

Para que não só as relações sociais do cego, mas também sua aprendizagem não seja prejudicada é necessário que ele se utilize de outras percepções, que ele não só escute e cheire, mas que utilize sua capacidade sinestésica de sentir os elementos que o rodeiam. Que faça das pontas dos dedos os seus olhos, reconhecendo texturas, superfícies e profundidades. Don Giulio, como um mestre emancipador-sensível que demonstrou ser, fez poesia com a cegueira, mostrando os outros caminhos a Mirco, usando de imagens que o menino sabia bem quais eram. Penso que a força deste fragmento do filme está expressa na sensibilidade do professor em apresentar poeticamente a contemporização a Mirco, para que sua relação com o mundo e com as pessoas pudesse ser vivida de maneira mais completa, mais consciente e menos sofrida.

DA CONDENAÇÃO À POSSIBILIDADE DE POETIZAR NA CEGUEIRA

Mirco, como um “recém-cego” ainda não estava acostumado à sua atual condição. Desta forma, ele saía pelo instituto com a intenção de procurar coisas diferentes para fazer. Numa de suas vasculhadas, encontrou num armário um velho gravador que continha algumas fitas do Evangelho. Ele toma o gravador para si e começa a fazer experimentações sonoras com gravações de diversos sons junto com seu colega Felice. Os meninos saem

por diversos espaços do instituto com a intenção de procurar sons para gravar e criar uma história. Ao que parece eles intentavam criar uma história que tivesse a ver com o trabalho pedido por Don Giulio, logo, eles buscam captar e/ou simular sons que lembrassem, de alguma maneira, as mudanças das estações do ano.

Na saga que os meninos fizeram para encontrar tais sons, vemo-los buscarem sons de vento, de abelha, de gotas de chuva, de trovões. Alguns desses sons não estavam prontos no ambiente para serem gravados. A solução foi criar mecanismos para a criação desses sons. Acredito que o que há de mais poético em relação à cegueira encontra-se aqui. Segundo nos fala Monte Alegre (2003),

a visão que o cego tem do mundo é uma riqueza única incomparável e deve passar a ser vista como uma apreensão integral da realidade, não uma carência de visão, não uma castração de um órgão, mas a existência suficiente de um ser humano completo" (p. 12).

Tomando as palavras do autor, é possível suspeitar que ele fala de um outro modo de o cego ver as coisas deste mundo. Penso que trata-se aqui da imaginação.

Quando Nunes & Locomano (2010) falam sobre uma reorganização psíquica do cego para aprender, para se relacionar com os outros, enfim, para viver, acredito que a dimensão da imaginação está presente também. Monte Alegre (2003) comenta que o cego tem uma apreensão integral da realidade que o cerca. Se ele não vê, literalmente falando, ele vai lançar mão de artificios imaginativos para se apoderar do conhecimento. Acredito na potência da imaginação como um modo poético de se pensar a cegueira. Digo isto pelo fato de o cego ter uma possibilidade que o vidente não possui. O cego imagina o mundo e o concebe como ele quiser. O vidente não tem esta possibilidade, pois está fadado a ser contaminado com a enxurrada de imagens que o cerca.

Podemos pensar então que a potência poética da cegueira aqui encontra-se expressa na possibilidade de se criar a partir da imaginação. Se um cego dá margens à sua imaginação e não é tolhido por ninguém, sua capacidade de criar imagens e de pensar histórias com essas imagens pode ser imensurável. Enquanto um vidente vê as coisas como elas são, carregado de certeza de como o mundo é, o cego está sempre numa posição de devir, de possibilidade, de incerteza. A imaginação do cego, sob este ponto de vista, não pode ser domesticada, docilizada.

Depois de terminar suas gravações com Felice, Mirco levou o resultado para Francesca escutar. Filha da faxineira do instituto, a menina é alguém por quem Mirco se afeiçoa e compartilha muitas de suas ideias. A cena do filme na qual a potência da imaginação aparece com mais força é protagonizada por Mirco e Francesca. Ao entrar no porão onde fica o ateliê de seus alinhavos sonoros, Mirco falou à Francesca que a história que ele criou junto com Felice foi dedicada a ela e se chamava "A chuva termina, o sol aparece". Acredito que a ideia para a história tenha surgido do tema da aula de Geografia de Don Giulio, ou a história tenha sido criada como o trabalho para ser apresentado ao

professor.

Mirco aperta o play do gravador e a viagem sonora de ambos começa. Sons de vento anunciam a tempestade que se aproxima. De repente a chuva cai. Os olhos de Francesca olham o nada, o que aparenta que a mesma está imaginando como esta tempestade se formaria, caso fosse real. Sons de trovões invadem a cena, provocando a sensibilidade auditiva de Francesca. Logo depois, a chuva passa e apenas sons de goteiras e pássaros aparecem. Como manifestação de que o sol está aparecendo, abelhas zumbem para dar indícios de que o sol aparece. O mais interessante de se notar nesta cena poética é que no intervalo de passagem de um som para o outro, cenas reais de vento, de chuva e de sol aparecem na cena, intercalando-se com closes sobre os rostos de Mirco e Francesca. Ao que parece, o diretor do filme convida o espectador a ver o que Mirco imaginou quando fez a sequência de gravações. A menina se deixou levar pelos sons e por sua imaginação, podendo assim perceber como Mirco vê, nesse caso ouve, as coisas e a forma como elas são construídas. Assim vemos que, mesmo cego, Mirco não ficou refém de sua condição. Ele a poetizou, transformando-a em belas imagens que somente aqueles que possuem uma imaginação sensível podem ver.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Minha intenção com este texto de formato ensaístico foi a de tentar trazer uma leitura poética da cegueira, desfocando um pouco da postura trágica com a qual habitualmente se pensa quando se fala de cegueira. Minha escolha dos trechos foi feita a partir da observação de partes do filme nos quais a cegueira aparece de forma poética, mesmo que precedida de uma postura de e pessimista, como a do médico e a do diretor.

Para refletir sobre a poética, tracei quatro fios condutores que se intercalaram na leitura de cada trecho. O do primeiro trecho foi o cuidado: da família para com o menino, dele consigo mesmo, pois isto seria o que o manteria vivo e atento para o mundo que o rodeava, para os sons, para as formas, para os cheiros, etc. O segundo fio condutor para a análise foi a questão do tempo este que é implacável, negativamente, pois é o que consome, o que corrói o ser humano, o que faz envelhecer, mas ao mesmo tempo é o que tem a potência de nos fazer saber lidar melhor com este mundo, com as escolhas que fazemos, com as pessoas, com as nossas aprendizagens. Já o terceiro trecho foi atravessado pela contemporização, que é a capacidade de saber se acomodar com uma situação que não é a mais favorável e se abrir para outras possibilidades de se situar no mundo, nas aprendizagens, na relação com o outro. E enfim o quarto trecho do filme foi atravessado pelo fio que penso ser um dos mais potentes: a imaginação. Foi esta que possibilitou a Mirco reinventar sua própria história e se (re)situar no mundo.

Refletindo numa contribuição para pensar a educação de cegos, acredito que a exemplo do filme, precisamos menos de pessoas pessimistas, que se conformam com a

situação da cegueira e exterminam a possibilidade do cego viver como uma qualquer outra pessoa. Precisamos mais de pessoas com sensibilidade para conversar, para convencer o cego de que ele tem outras maneiras de viver neste mundo, a exemplo de Don Giulio. Precisamos também tomar consciência de que a imaginação, na educação de cegos, mais do que em qualquer espaço de educação, talvez deva ocupar um lugar de maior importância, pois, é nesse lugar que o cego cria suas histórias, se faz, desfaz e refaz o mundo que o rodeia.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio, 22ª ed. São Paulo: Loyola, 2012.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Igualdade e diferenças na escola como andar no fio da navalha. **Revista Educação - PUCRS**, ano 24, n. 1, p. 55-64, jan. abr. 2006.

MONTE ALEGRE, Paulo Augusto Colaço. **A cegueira e a visão do pensamento**. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003

MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa. Monderlay: um pretexto para refletir sobre escola, identidade e diferença. **Cadernos de Educação - FaE/PPGE/UFPel**, n. 30, p. 89-108, janeiro/junho 2008.

NUNES, Sylvia & LOCOMANO, José Fernando Bitencourt. O aluno cego: preconceitos e possibilidades. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**. v. 14, n. 1, p. 55-64, janeiro/junho de 2010.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante**: cinco lições sobre a emancipação intelectual. trad. Lillian do Valle. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

Filmografia:

Vermelho como o céu. Diretor: Cristiano Bortone. Itália, 2006.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acessibilidade 19, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 65, 67, 68, 69, 141, 142, 145, 146, 192, 193, 226, 227, 229, 230, 231, 232, 257, 283, 295, 308

Acolhimento 57, 65, 66, 105, 152, 176, 177, 237

Aluno surdo 35, 37, 38, 41, 44, 138, 139, 140, 143, 144, 148, 169, 205, 254, 255, 257, 259

Autoetnografia 242, 243, 244, 250, 251

Avaliação psicológica 73, 74, 75, 76, 77, 79, 80

B

Brincar 50, 54, 102, 103, 131, 137, 182, 193, 274

C

Cegueira 63, 64, 67, 69, 143, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191

Construção da aprendizagem 51, 52, 138

D

Deficiência visual 26, 50, 51, 57, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 107, 108, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 169, 186, 229

Desenvolvimento da leitura 82, 83, 87, 88, 89, 90, 93, 94

Desenvolvimento do autista 96, 97

Dificuldades de aprendizagem 82, 83, 85, 86, 94, 95, 117, 118, 121, 122, 127, 158

E

Educação 17, 20, 22, 25, 26, 30, 34, 35, 48, 50, 52, 55, 56, 57, 58, 59, 64, 65, 66, 68, 70, 71, 72, 76, 80, 82, 87, 96, 97, 98, 99, 100, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 119, 122, 124, 127, 128, 130, 131, 132, 133, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 153, 154, 155, 157, 158, 159, 160, 161, 164, 168, 170, 173, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 184, 185, 186, 190, 191, 192, 193, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 208, 210, 211, 212, 213, 216, 217, 223, 224, 234, 236, 239, 240, 242, 243, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 253, 254, 255, 257, 258, 259, 260, 261, 264, 267, 268, 269, 271, 272, 278, 279, 281, 282, 283, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308

Educação com o sonoro 181

Educação de jovens e adultos 149, 150, 153, 155, 157, 158, 159, 160, 204, 211, 247, 251, 261, 300, 307

Ensino 14, 19, 20, 23, 24, 30, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 41, 47, 48, 50, 51, 55, 65, 67, 76, 82, 83, 84, 87, 90, 98, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 122,

130, 131, 132, 138, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 147, 150, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 162, 172, 175, 185, 192, 193, 195, 196, 199, 200, 201, 202, 205, 206, 208, 209, 210, 211, 243, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 253, 254, 255, 256, 257, 259, 260, 261, 264, 265, 267, 268, 269, 270, 271, 278, 284, 285, 288, 293, 294, 298, 299, 301, 302, 304

Ensino colaborativo 33

Ensino de matemática 107, 112

Ensino e aprendizagem 90, 106, 111, 112, 117, 119, 158, 172, 193, 199, 201

Ensino superior 19, 20, 24, 30, 138, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 147, 243, 248, 249, 250, 255, 259

Escrita 22, 33, 35, 52, 55, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 115, 169, 176, 196, 197, 244, 245, 249, 252, 286, 294

Evasão escolar 142, 144, 149, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 158, 159, 160

G

Gênero 1, 2, 7, 9, 10, 11, 15, 18, 236, 238, 240, 242, 243, 245, 308

I

Inclusão universitária 19, 20, 21, 22, 29

Intérpretes de libras 253

J

Jogos didáticos 50, 51

Jogos pedagógicos 192, 193, 194, 195, 196, 201

L

Libras 33, 34, 35, 36, 37, 38, 40, 41, 44, 45, 48, 52, 53, 76, 139, 143, 146, 161, 162, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 205, 211, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 282, 283, 284, 285, 289, 290, 294, 295, 296

M

Mulheres 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 34, 63, 67, 70, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 245, 246, 247, 250, 251, 285, 308

Mulheres quilombolas 1, 2, 3, 7, 10, 12, 15, 16, 308

O

Oficinas 25, 219, 220, 295

P

Pais surdos 161, 164, 165, 166, 167, 174, 175, 177, 178, 179, 180

Papéis sociais 234, 235, 237, 238, 239, 268

Papel do afeto 96

Paralisia cerebral diparética 192, 194, 196, 197, 201, 202

Pesca 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 18, 308

Pessoas com deficiência 19, 20, 21, 22, 23, 25, 30, 57, 58, 59, 66, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 108, 110, 111, 116, 130, 132, 135, 139, 140, 142, 145, 146, 147, 214, 216, 217, 218, 219, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 294

Processo de alfabetização 47, 84, 88, 89, 113, 192, 193, 194, 196, 201

S

Sociedade e Direito 234

Soroban 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116

T

Tecnologia 29, 35, 55, 88, 139, 141, 145, 146, 161, 279, 282, 284, 289, 308

Transtorno de déficit de atenção 23, 86, 117, 121, 127

V

Violência na escola 260, 261, 262, 265, 266, 268, 271, 272

Vivências 60, 61, 72, 99, 100, 105, 153, 193, 204, 242, 273, 275, 277

EDUCAÇÃO: MINORIAS, PRÁTICAS E INCLUSÃO

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

EDUCAÇÃO: MINORIAS, PRÁTICAS E INCLUSÃO

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br